

Rosiska Darcy de Oliveira

Departamento de Letras da PUC-Rio

*Centro de Liderança da Mulher, Rio de Janeiro*

### **Primeiras Palavras**

Neste espaço de partilha simbólica, fundado por Maria de Lurdes Pintasilgo, gostaria de propor não uma conferência, no sentido clássico da palavra, mas uma partilha de reais inquietações. E isso porquê? Tenho hoje a medida da dificuldade teórica de responder às questões que me formulam, assim como a toda uma série de outras perguntas que eu formulo a mim mesma. E por isso mesmo, me proponho expor, de uma maneira bastante simples, o modo como vejo o momento que estamos vivendo. Vou começar, portanto, localizando a minha fala numa experiência de vida. Falo como presidente do Centro de Liderança da Mulher do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, função que se seguiu à de presidente, durante vários anos, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher do Brasil<sup>2</sup>.

Há muitos anos que estou envolvida com as mulheres brasileiras, através do Centro de Liderança da Mulher, por onde passaram mais de mil mulheres de todos os Estados do Brasil. E, nesse debate, sobre liderança, o que sempre me interessou foi perceber e divulgar o que essas mulheres teriam de novo a dizer à sociedade. Perceber se teriam alguma coisa de inaugural a trazer para o nosso mundo. Criei o Centro de Liderança na convicção de que isso era possível, de que isso era desejável. Que não se tratava apenas da luta das mulheres por uma conquista numérica no acesso ao poder e aos universos do saber. Assumi que com essa presença das mulheres viriam conteúdos novos, viriam novas inquietações e que nós, mulheres, teríamos talvez novas respostas. Hoje essas questões estão no ar, como estavam no ponto de partida. Só que, estão no ar, acrescidas de outras tantas dificuldades e de obstáculos muito importantes.

---

<sup>1</sup> Adaptação da Conferência Desafio, apresentada na abertura do Simpósio Internacional (Re)Inventando Lideranças: Género, Educação e Poder

<sup>2</sup> Este órgão do Brasil corresponde à actual CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, organismo da Administração Pública, com sede em Lisboa e uma delegação no Porto, integrado na Presidência do Conselho de Ministros. [http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/entidades/PCM/CIG/pt/ORG\\_comissao+para+a+cidadania+e+igualdade+de+genero.htm?tab=1](http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/entidades/PCM/CIG/pt/ORG_comissao+para+a+cidadania+e+igualdade+de+genero.htm?tab=1). On line, 14.09.08.

Por vezes penso que somos muito exigentes, que cobramos das mulheres e, sobretudo daquilo que chamamos a liderança das mulheres, mais do que deveríamos cobrar (ou talvez menos). Na verdade, para a minha geração, que foi uma geração chave, uma geração protagónica na luta das mulheres, já não foi pouco, viver no mesmo período biográfico duas rupturas de Era. Não estou falando de ruptura de geração, que existe sempre de uma para a outra. Efectivamente, a minha geração foi protagonista de uma ruptura. Foi nessa geração que se rompeu o paradigma milenar que separava e hierarquizava o mundo de homens e mulheres. Foi nesse momento e graças ao grande esforço dessa geração, que de certa maneira se cristalizou um acumulo de reivindicações que já vinham ao longo do tempo. Foi um grande esforço, quando olhado histórica e retrospectivamente. Coube a essa geração torná-lo actual, torná-lo real. Deixem-me falar-vos de uma memória de carácter pessoal que gostaria de partilhar.

### **Um início *outro* para o Século XXI – tempo de rupturas emergentes**

Chefiei a delegação brasileira à Conferência Mundial das Mulheres, em Beijing<sup>3</sup>. Eu era na época Presidente do Conselho Nacional. A conferência durou quinze dias. Na madrugada em que ela terminou, às quatro e meia da manhã, chovia torrencialmente, e quando saí de Beijing, ainda de madrugada, num estado de grande exaustão, perguntei a mim mesma se tínhamos estado à altura da nossa geração. Respondi que sim! E tive disso grande orgulho.

Achei que ali, naquele momento, naquela conferência mundial de Beijing, começava o século XXI. Hoje, insisto em dizer que o século XXI começou em Beijing. Foi ali que começou, em 1995 e não no ano 2000. Foi em si uma ruptura paradigmática, uma ruptura de Era, extremamente importante para as mulheres. Somem-se a isso todas as outras precipitações do fim do século passado. Chamo a atenção para duas que configuram essa mudança de Era. A primeira delas é a questão virtual. A introdução da virtualidade, a introdução de uma tecnologia absolutamente revolucionária vem transformando de maneira rápida e

---

<sup>3</sup> Referência à Quarta Conferência Mundial das Mulheres que teve lugar em Pequim, de 4 a 15 de Setembro de 1995.

Como consta do prefácio do BEIJING+10 SYNTHESIS REPORT – “A Conferência de Beijing ajudou a focar a atenção do mundo sobre os direitos das mulheres, reconhecendo estes direitos como essenciais em si mesmos e pelo papel crucial que desempenham na edificação da paz e da prosperidade. Desde a conferência (...), governos e organizações internacionais do mundo procuraram alcançar os objectivos da Plataforma para a Acção de Beijing com uma série de instrumentos concebidos para transformar os ideais em realidade. A Declaração de Beijing e a Plataforma para Acção, a Convenção da Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (CEDAW), a Resolução 1325 do Conselho de Segurança sobre mulheres, paz e segurança, e os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (MDGs), basearam-se uns nos outros para oferecer um plano detalhado de um futuro baseado em liberdade sem medo e em liberdade sem miséria. Estas linhas de orientação reflectem a realização de que não faremos nenhum progresso, nem ganharemos novo terreno, a menos que os direitos das mulheres estejam no âmago de todos os esforços”.

[http://www.unifem.org/attachments/products/Partnerships4GenderEquality\\_por](http://www.unifem.org/attachments/products/Partnerships4GenderEquality_por). On line. 14.09.08.

impressionante o quotidiano das pessoas. Creio que talvez nem tenhamos ainda distância histórica para medir até que ponto tudo o que concerne ao mundo virtual, a internet, a rede mundial, constitui uma ruptura da qual somos contemporâneas.

Acrescento, em segundo lugar, outra ruptura que nos toca decisivamente. Refiro-me àquilo a que chamo a 'história humana da natureza humana'. Ou seja, todas as transformações que hoje se operam no corpo humano. O século XX teve a sua história fortemente determinada pela descoberta científica da desintegração do átomo, quando este virou artefacto, ou seja, quando virou bomba. Da mesma maneira que a Física determinou o século XX, creio que agora, no começo do século XXI, a Biologia está sendo determinante do que virá a ser o século XXI. Isto porque também ela, enquanto ciência, saiu do seu carácter de observação ligada ao Darwinismo, na observação do evolucionismo das espécies. Saiu desse marco observatório e passou para um marco de intervenção, para a criação de artefacto. Só que, desta vez, o artefacto somos nós. Isso é suficientemente dramático e angustiante. É uma ruptura suficientemente inquietante que nos leva a considerar que estamos carregando um momento histórico muito pesado e muito complexo.

Isto significa que para as mulheres não bastou ter mudado de posição na sociedade, ainda nos coube sermos contemporâneas desse tipo de crise de transformação. Transformação das certezas e mergulho nas incertezas. Tudo isso é o que nos está cabendo como história, como biografia e que vem abalar profundamente as expectativas que podíamos ter. Hoje, acho, que essas eram expectativas muito modestas, como por exemplo ter um lugar no mercado de trabalho, ter uma remuneração adequada ao seu trabalho, deixar de ser vítima de violência, ter o controlo do nosso corpo, da nossa sexualidade. Ou seja, esta era a pauta do feminismo que, modestamente queríamos. Achávamos que estávamos transformando o mundo, e estávamos de certa maneira.

Porém a pauta do feminismo hoje cresceu para um nível de exigência que só provavelmente Maria de Lourdes Pintasilgo seria capaz de enfrentar com o seu pensamento. A pauta do feminismo é responder pela liderança a tudo isso. Vivemos momentos de incerteza e de passagens e gostaria de começar por analisar esses momentos: a questão do corpo e as transformações na natureza humana. Lembro que quando queríamos falar de alguma coisa 'certa', de alguma coisa que não aceitava discussões, dizíamos: «isso está na natureza humana». Com isso estávamos referindo algo imutável, que nos podia transcender. Essa natureza humana vem sendo progressiva e constantemente posta em questão por toda uma série de factores. Enunciaria só alguns. Por exemplo, «nascer». Há cinquenta anos atrás nascia-se do ventre de uma mulher, ponto! Hoje, não é mais o caso. Nasce-se *in vitro*. A clonagem

humana está no horizonte e isso são questões gigantescas que pedem apreciação, debate, formação de opinião, acção ética, acção política... Assim o nascimento deixou de ser um acto banal da natureza humana.

Pense-se também na sexualidade: nascia-se menino ou menina e isso queria dizer todo um destino que vinha mais ou menos impresso no espelho. Ao nascer-se menina, um destino nos esperava no espelho, só tinha que se colar aquela imagem. Menino ou menina colava-se aquela imagem. Hoje, o espelho responde com um imenso ponto de interrogação e a própria sexualidade humana não coincide, necessariamente, com o sexo. Quer dizer, o amor é um pássaro louco que ninguém sabe onde vai pousar e que reclama para si os direitos de liberdade. Reclama para si, não a tolerância, como já foi o caso, mas direitos. Isso coloca de novo grandes questões à sociedade.

«Reproduzir» também era relativamente previsível. Hoje, ter ou não ter filhos, quando ter filhos, interrupção ou não de gravidez... já não são questões simples, são questões presentes na agenda político-moral da sociedade.

«Envelhecer». Ninguém discutia o que era envelhecer, todo o mundo sabia o que eram as avózinhas, os avôzinhos. Hoje tudo isso se altera. Não é só graças à extensão da vida propriamente dita, mas também às mudanças que essa extensão da vida prometem, como a possibilidade de saúde, de sobreviver com saúde, com energia, com um espaço social que já foi conquistado. Assim, as pessoas da terceira idade já não estão sujeitas ao rótulo «terceira» idade. Estão, antes, no limiar de uma terceira vida que lhes é oferecida e que é possível. Curiosamente a geração que está entrando agora na terceira idade - e eu, sendo uma delas, falo também desse lugar - é uma geração pioneira porque é a primeira a quem isso ocorre com tamanha liberdade e perda de parâmetros. As exigências que se impunham, ou que se impuseram à geração que me precedeu, não se impõem mais hoje, nem por carácter religioso nem por carácter moral. Há uma abertura relativamente às tradições, que passam a não ter o peso que tiveram na geração que me precedeu. Abre-se uma possibilidade de invenção do que pode ser essa terceira vida para essa geração pioneira. Não tem parâmetros de referência, não tem quem lhe diga o que é certo, o que é errado, quem lhe diga o que é ou não ridículo, o que é ou não permitido. Enfim, está definitivamente confrontada consigo mesma para decidir como agir, como viver e para descobrir qual é o seu desejo. Coisa extremamente difícil que nunca foi gratuitamente oferecida às mulheres. Isso são etapas fascinantes. Acrescentaria ainda uma última que se apresenta e se discute hoje, sendo talvez, a última escolha e a mais dramática, que se apresenta a todos nós. Refiro-me ao direito de morrer com dignidade. É a última, a derradeira questão, que eu enunciaria entre as escolhas do corpo.

Ora, tudo isso é tão diferente daquilo que aprendi nos meus bancos de escola, que quando penso nisso, tenho vertigens. Lembro com muita clareza que quando tínhamos aulas, por exemplo, de anatomia, nos mostravam um esqueleto e aquilo ali éramos nós. Depois ia-se enchendo o esqueleto para mostrar como é que tudo funcionava e todas sabíamos que aquilo era assim e assim seria para sempre. Ora, deixou de ser assim. E deixou de ser assim no espaço de uma geração. Historicamente falando, o espaço de uma geração é muito pouco para que se opere nele um questionamento tão complexo. Fora dessa morada que se tornou tão incerta que é a morada do corpo, um número imenso de incertezas se lhe veio somar.

Só a título de exemplo, dois campos que são ou foram sempre constitutivos da chamada identidade, refiro-me à família e ao trabalho, entraram ambos no que se chama «crise profunda». Mais uma vez menciono a conferência de Beijing, como momento fundador do século XXI. Na conferência de Beijing, discutiu-se literalmente durante vários dias, a questão de um 's'. Para saber se estávamos falando de «família» ou de «famílias». E, por trás desse 's', discutiam-se todas as concepções de sociedade. Eu chamaria a atenção para um facto extremamente inquietante e curioso com que me deparei como membro da delegação brasileira nas últimas conferências da agenda social das Nações Unidas ao longo de 10 anos. Aí tudo se negociou. Apenas o que concerne as mulheres, internacionalmente, não pôde ser negociado. Ficou entre parêntesis. Não houve como negociar isso. Ou seja, é um ponto nevrálgico da história humana, é um ponto nevrálgico da política internacional. Continua sendo uma questão extremamente desafiadora. Relativamente à família, esse 's', que acabou por ser introduzido no texto final, significa que ganhou a ideia de pluralidade nas famílias. Na verdade estava muito mais adequado ao momento que se estava vivendo, onde a olho nu se percebe que as famílias são múltiplas, que se fazem e desfazem, se reconstroem. Há uma diversidade de conglomerados humanos, com laços afectivos que, não correspondendo exactamente à família tradicional, estão presentes no campo social, em interacção e pedindo para serem entendidos. Clamando que a sua articulação seja considerada e reconsiderada. Nesses termos, a questão da família tem vindo a tornar-se um campo de incertezas ou um campo de desafio, de recreação.

Passando a uma análise da questão do trabalho, deparamos com uma situação ainda mais impressionante. Muitos de nós pertencem à geração de uma economia salarial, uma economia baseada no emprego, nas aposentadorias, nas expectativas de segurança que mais ou menos balizavam a existência das pessoas. Um ambiente, um lugar de trabalho com amigos, onde se desenvolviam relações por muito tempo. Era a carona para casa, o bar da esquina onde se ia com os amigos, os colegas de trabalho, todo um contexto que era mais ou

menos securizador. Hoje, é certamente com perplexidade que se encara o facto da precariedade do trabalho, do fim de garantias sociais que vem substituir a realidade anterior. Vive-se uma grande precariedade, uma grande incerteza, uma grande competitividade. Tanto esse vínculo familiar, que se vem transformando, como o vínculo do trabalho, vêm criando uma mobilidade que de certa maneira tira o tapete a quem está vivendo nesta sociedade. É em função de tudo isso que eu venho falando e insistindo na necessidade de uma reengenharia do tempo. Exactamente porque esse mundo de alta competitividade tende a transformar todos os trabalhadores, inclusive os quadros mais altos de grandes empresas em, eu diria, escravos modernos. Não tenho como chamar de outra maneira a uma jornada de trabalho de 14 horas que, muitas vezes, invade os fins-de-semana, invade toda a privacidade das pessoas, que encolhe e faz encolher a vida privada em favor das tarefas da vida remunerada, da vida do mundo do trabalho. Só se viu uma situação assim no século XIX! Havia jornadas de trabalho longuíssimas, que os operários lutaram para diminuir. As transformações actuais pedem uma atenção particular. É a isso que venho chamando reengenharia do tempo.

### **O tempo como metáfora**

Entre as mil mulheres com que trabalhei no Centro de Liderança das Mulheres, houve uma situação de unanimidade. É difícil conceber uma unanimidade entre tanta gente: o maior obstáculo à liderança das mulheres é o tempo. Isso foi dito das maneiras mais diversas. Essa migração gigantesca, essa passagem das mulheres do mundo privado para o mundo público fez-se dentro de uma negociação extremamente desigual. As mulheres esconderam o feminino, a vida privada “com defeito”, contrabandearam e negociaram numa situação de fraqueza. Nessa situação de fraqueza aceitaram as regras do jogo como existiam, que permitiam apenas acrescentar a uma vida privada uma vida pública, deixando o resto como estava.

Hoje, depois de vários anos a trabalhar essa questão, o que venho dizendo é que isso definitivamente não é um problema doméstico. Não é uma questão que possa ser tratada no âmbito de pessoas que habitam uma mesma casa, seja qual for o seu estatuto na partilha da chamada vida privada. Não se resolve entre essas pessoas. Isso é uma questão de carácter público, é uma questão de mudança de temporalidade da sociedade, que teria de acompanhar, passando recibo de confirmação de que houve essa gigantesca mutação, essa gigantesca migração. Tal obriga a redesenhar a sociedade de maneira a acolher essa chegada das mulheres, introduzindo as mudanças necessárias para que uma verdadeira democracia

possa fazer-se e as verdadeiras oportunidades estejam presentes em igualdade de condições para homens e mulheres. Foi com essa ideia em mente que fiz uma certa passagem de uma questão especificamente das mulheres para uma questão que interessa a homens e mulheres. Hoje não se trata exclusivamente da reivindicação puramente feminina de uma reengenharia do tempo. É uma reivindicação trazida pelas mulheres, e teria que ter chegado pela voz das mulheres, mas deveria ser a expressão de uma inquietação de homens e mulheres. É uma demanda de redesenho da sociedade de homens e mulheres.

Essa demanda de reengenharia do tempo, trata a questão do tempo como uma metáfora para falar da vida de cada um, porque a vida de cada um é o tempo de que se dispõe. São as 24 horas do seu dia. Então, a questão que se coloca é: 'o que fazemos, o que estamos fazendo com as 24 horas do nosso dia? ', Porque o tempo é não só a matéria da vida mas é também uma matéria rara. Tudo o que é raro é caro no mercado, mas nós vendemos barato. Tempo a morte não vende. Nós temos aquele e não temos mais. O tempo serve como metáfora para uma questão que vai de encontro a todas as inquietações anteriores. Vai de encontro a uma questão que se coloca cada vez menos, que é o sentido da vida. Quando falamos do tempo, das nossas horas e da nossa vida, estamos falando do sentido da vida, que é uma discussão que deveria estar mais presente. Não creio, hoje, que haja um sentido na vida. Creio que quando se diz que alguma coisa faz sentido, estamos usando a expressão certa, porque o sentido é alguma coisa que se faz, é alguma coisa que se constrói. Trata-se realmente de fazer sentido e o desafio que se coloca, é o de fazer sentido.

## **Um debate exploratório, em torno de algumas questões**

### **Vida humana e a criação de artefactos**

Da mesma maneira que evoluem os chamados progressos da ciência, que vão criando uma artificialização do corpo humano, também evoluem as questões que colocamos. Existe um campo ético que vai sendo desenvolvido. Existe um debate sobre o desejável, o não desejável e a colocação de fronteiras. De toda a maneira, tenho uma certa rejeição pelas expressões que denominam estas alterações como "pós-humano" porque, na verdade, isto é uma história humana da natureza, esses artefactos são obra humana! O que acontece é que eles se voltaram para a própria natureza humana. Então há um processo de redefinição. Quem

participa nesse processo de redefinição são os seres humanos, nós estamos dentro dum universo, dum universo que não é de Marte, com a complexidade que ele apresenta hoje. Nele se colocam essas questões do que é (e não é) desejável, do que representa (ou não representa) riscos éticos indepassáveis, numa perspectiva de evolução, que é um pouco paralela aos conceitos éticos.

### **Ética, natureza e cultura**

Por sua vez, a ética também é uma invenção! Ela também evolui. Então, temos aí um processo de vaivém, com momentos de grande questionamento. Não sendo a primeira vez que ocorrem estes fenômenos, é porém a primeira vez que se está exercendo no próprio corpo humano. E isso é novo. Todas as épocas viveram as suas crises, mas esta é pesada e é bastante complicada. Levanta um questionamento raro ao nível da dificuldade. Dito isso, insisto, não estamos diante de nenhum pós-humano, estamos em pleno numa história, que é uma história humana da natureza, feita totalmente de transformações. Nunca acreditei, em nenhum momento da história humana, numa ruptura entre natureza e cultura. Nesse sentido, os fundamentos da antropologia baseados na ruptura da natureza e cultura são falsos. Isso foi sempre um contínuo numa história humana. Continua sendo.

Por exemplo, o desafio ecológico é tão grande porque faz parte da história humana da natureza. Essa é uma consciência muito recente. Todos nós vivemos séculos no marco da separação entre natureza e cultura, fundando o pensamento dentro desse marco teórico. Mas se esse marco teórico se quebra, aí a fluidez do questionamento é de outra ordem. Tanto no caso da ecologia, quanto no caso do avanço das ciências biológicas, nós estamos no mesmo marco de necessidade de desafio, de ruptura com esse marco referencial natureza e cultura.

### **Mulheres no poder e espaço público**

Vou colocar em discussão coisas sobre as quais não tenho nenhuma certeza. Não sei se o que estou dizendo se vai mostrar verdadeiro ou não, e não sei como é que vocês vêm essa questão. Primeiro que tudo, a questão do poder. As mulheres no poder. Eu ouço isso desde sempre, o desafio das mulheres no poder. E isso surge sempre no mar das mulheres no poder político no sentido da política das democracias formais, parlamentos, ministérios, presidência da república. Não sei se nas democracias modernas, hoje e no futuro, podemos restringir a ideia de poder a esses campos. Tendo mesmo a achar que não. Tendo a achar que há uma

abertura do campo do poder que não está necessariamente balizada por essas esferas do poder político tradicional. Os próprios processos de decisão, que eu gostaria de discutir mais exactamente, estão hoje submetidos a um conjunto de influências que são quase incontroláveis. Torna-se muito difícil saber o que constituiu o processo de decisão. Quer dizer, o que interferiu de facto numa tomada de decisão. Não estou pensando só nos *média* tradicionais, cujo poder é discutível embora todos reconheçam que as pautas da sociedade são todas, não diria definidas, mas influenciadas. Os *média* são uma presença, um actor importante. Porém, os próprios *média*<sup>4</sup> vêm sendo diariamente pautados por outras formas de informação, por exemplo, a internet. A internet pauta os *média*, mais do que os parlamentos de Brasília. Isso é um fenómeno altamente desafiador que exige um trabalho de pensamento, um trabalho teórico, um entendimento dessa questão, que é verdadeira. É um facto que hoje os *média* intervêm fortemente no processo de decisão política e que outras forças extra *média* intervêm nos *média*.

Então, há uma circulação do que se chama espaço público. Por onde passa a fronteira do espaço público? Quando se diz espaço público, estamos pensando em quê exactamente? É dentro dessas fronteiras mais fluidas do espaço público que se situa a questão de onde está e o que é o poder. Há alguns anos atrás dizia-se: «eleger uma mulher para a presidência da república», é um poder. Continua sendo, mas compete com outros de certa maneira. Eu levantaria mesmo uma hipótese, apesar de muito conjuntural. Por exemplo, as dificuldades que Hilary Clinton vai ter para se eleger, que vão ser muitas, provêm do facto de ela não ter conseguido passar uma imagem de transformação enquanto o outro candidato, com razão ou não, o conseguiu. E isto porquê? Há alguns anos atrás, o simples facto de ser uma mulher era uma transformação. Isso em si quase bastava! Eleger uma mulher era um elemento muito forte. As mulheres votavam maciçamente nela, mas o resto da sociedade não. Hoje talvez se peça uma complexidade maior em termos do que se entende por uma proposta para a sociedade. O simples facto de eleger mulheres, que foi uma bandeira importante do feminismo anos a fio, hoje não tem a mesma força. Por um lado, as demandas são de outra ordem. Por outro, a questão do espaço público, de onde a sociedade se move, como se move e se transforma, é uma questão fascinante.

### **Desafios à transformação**

---

<sup>4</sup> A autora afirma-se como jornalista de formação, que escreve nos dois maiores jornais brasileiros.

Sabe-se hoje, que a sociedade já não se transforma como a sociologia tradicional descrevia a sua mudança. A sociologia produzida antes dos anos 90 do século passado era fortemente comprometida. Foi uma produção científica atropelada por um facto científico inesperado. Refiro-me ao poder da virtualidade! Como é que a sociologia moderna trata essa questão? Como lê os processos de transformação da sociedade? Quem são os actores? A sociologia sempre trabalhou com actores, que eram os actores de transformação. É possível hoje continuar trabalhando com esse corpo conceptual de actores que transformam a sociedade? Qual é o denominador comum das pessoas hoje? Creio que têm denominadores incomuns! Surgem associações que lutam por temáticas totalmente inesperadas que vão decidir, num espaço público amplo, determinadas questões. Tudo isso é novo e de muito difícil leitura. Quanto à questão do poder, diria que este está amplamente disseminado no alargamento de um espaço público que se manifesta. Isto não quer dizer que esse poder se manifeste com competência no entendimento de determinadas questões. Mas manifesta-se. E talvez seja esse um dos problemas: a interferência cada vez maior de pensamentos que não são necessariamente informados sobre determinadas questões mas que pedem um nível elevado de informação. No entanto, dito isso, trata-se de uma manifestação democrática importante no sentido mais clássico da democracia. Mas não é um problema de fácil tratamento, nem de fácil solução. Um facto conhecido, altamente surpreendente, ilustrativo desta situação, foi a derrota de um primeiro-ministro da Espanha pelos celulares. Os celulares ganharam uma eleição em Espanha. O que é que significa isso? Num país importante da Europa, o uso dos celulares teve impacto político. O espaço público alargou-se muito para além da confrontação entre dois partidos, alargou-se a uma opinião difusa. O que se disse? Foram os jovens! Sim, mas que jovens? São questões como estas que hoje nos desafiam.

Quanto à questão da participação, insere-se no mesmo tipo de discussão. Quem participa? Participa-se muito, mas não nas formas de organização tradicionais. O que vem colocar o perfil das novas democracias. Têm um perfil? Qual é o perfil? Pois essa é uma massa que se manifesta e o que aparece como pensamento único é uma espécie de condenação a um certo individualismo. Supostamente é o indivíduo, mas é uma condenação em massa. Daí uma certa uniformidade comportamental que se vê nas pessoas. Trata-se de uma questão externa, porque o discurso predominante é o discurso do indivíduo. Num filme extraordinário dos Monty Python, uma versão picaresca da história de Jesus Cristo, chamado «A vida de Brian», num dado momento, Brian, investido de uma posição sagrada, diz às pessoas “eu não quero essa posição sagrada”, “vocês são indivíduos, vocês são indivíduos”. E a massa responde “nós somos indivíduos, nós somos indivíduos”. Mas um diz “eu não!” e isso é a dissidência. Essa é a

minoria que introduz a inovação. Essa forma de individualidade extremada é uma inovação que pode vir a ser contaminante do espaço público. Daí poder afirmar-se que emergem dissidências desse pensamento único, formas novas de aglomeração que têm a possibilidade de encontrar amplificadores que levem a comportamentos e debates novos, de maneira muito ampla, não necessariamente através do que normalmente chamávamos a opinião pública. Esta talvez já não se forme pelos canais mais tradicionais<sup>5</sup> que conhecíamos da vida política.

Isto conduz-nos a uma nova questão: por onde está passando a vida política, quer dizer, por onde está passando a vida da *polis*, que já não coincide com o corpo ideológico dos partidos políticos? Isso é uma evidência. As pessoas podem ter uma mesma visão, por exemplo, do que deve ser o combate à pobreza; isso reúne-as. Mas as mesmas pessoas podem não ter a mesma visão do que deve ser a Europa, se são a favor ou contra a legalização do aborto, ou se são a favor ou contra a legalização das drogas. Estas são grandes questões da *polis*, são questões políticas importantes que dividem. São denominadores incomuns que num momento congregam e noutra momento separam. Essa é a complexidade da leitura dos caminhos do poder hoje, por onde passa e como se converte. Antigamente, num certo sentido, era mais fácil! Por exemplo, no Brasil, fizemos passar uma lei de quotas nos partidos políticos, para as mulheres: tinha que haver X mulheres, em todas as eleições. Nunca conseguimos preencher as quotas! Para desespero de todas as que fizeram a lei de quotas dos partidos políticos – entre elas, eu – nunca conseguimos! Estamos até hoje tentando interpretar porquê. Ao mesmo tempo que isso acontece com as quotas de partidos políticos, abro o maior jornal do país e metade dos redactores importantes, formadores de opinião, são mulheres. A formação de opinião num grande jornal é um lugar de poder indiscutível. Aí, metade da redacção é feminina. Ninguém sabe como aconteceu, mas aconteceu! As quotas não passaram nos partidos políticos, mas passaram ali. Estes são exemplos fortes de situações muito claras. Há porém lugares mais obscuros de poder, como por exemplo associações que se criam e que ganham uma escuta importante na sociedade. Isso acontece em vários países.

Então, para discutir correctamente o tema “mulheres e poder”, temos que discutir o que é o poder hoje, onde está, por onde passa, como se conquista, onde se situa, quais os processos de tomada de decisão e como são influenciados, quem aceita (ou não) as decisões, como grandes questões instigantes da democracia moderna. Pode então dizer-se que o poder é constituído pelo modo como se tomam as decisões da sociedade! Isto é, pela forma que toma e vem tomando a democracia. Surgem organizações com ideias novas, com propostas

---

<sup>5</sup> A autora explica: uso a palavra ‘tradicional’ não no sentido pejorativo, apenas descritivo.

novas de sociedade. Tal foi o caso do movimento de mulheres. Quem esteve nos seus alvares sabe bem que eram a minoria das minorias! Muito mal vista. Com muito descrédito da sociedade. Trinta anos depois, a conferência de Beijing, como já referi, abriu o século XXI. Assim, as coisas vão caminhando, e essas são questões que merecem atenção hoje, até para discutir a questão da liderança feminina, onde é que ela está, se ela é tão ausente ou não. Talvez não seja.

### **Liderança das Mulheres**

A questão da palavra das mulheres, fundamentalmente a preocupação com a amplificação da liderança tem, hoje, possibilidades muito amplas. O desafio não é o do instrumento de amplificação. A liderança feminina amplifica-se, ou não, em função da qualidade do seu pensamento, se tem uma capacidade própria de análise, se traz alguma novidade. Em termos de amplificação como instrumento foram mencionados blogues e outros recursos impressionantes. Quando publiquei o meu livro «Reengenharia do Tempo», fui convidada a participar no programa «Roda Viva», o programa de maior audiência e debate político na televisão brasileira, para falar sobre o livro. No fim do programa, passou rapidamente, o endereço electrónico do CELIM<sup>6</sup>. O site do CELIM é um site modesto que recebia um número X de visitas. Na noite desse programa houve 10.500 entradas no site. Que é uma coisa inacreditável numa noite! Isto é o poder da ampliação, quando se tem acesso a um meio de comunicação com o porte do programa «Roda Viva». Mas mesmo quando não se tem acesso, há a possibilidade de produzir hoje um impacto sobre os *média*, de os questionar e influenciar através dessas redes. O desafio para as mulheres não é o do instrumento, mas o do conteúdo.

### **Globalização**

Se há um aspecto positivo na globalização, é a possibilidade da humanidade se pensar globalmente, de se ver globalmente, de ver o nosso futuro comum, do pensar-se terra-pátria. Eis algumas das temáticas que, por exemplo, Edgar Morin levanta com grande beleza. Esse é o lado luminoso da globalização, para além, dos seus lados sombrios. Esse é um lado luminoso que jogou a luz sobre a grande dificuldade de, no plano mundial, se pensar a questão das

---

<sup>6</sup> CELIM - Centro de Liderança da Mulher, sito no Rio de Janeiro, [www.celim.org.br](http://www.celim.org.br)

mulheres. Fiz questão de sublinhar aqui que em todas as conferências a que fui, como diplomata na delegação brasileira, nas conferências da ONU, as questões referentes às mulheres geraram conflitos e foram inegociáveis. Ou seja, num plano global, não estou falando da Europa, nem dos países do primeiro mundo, as questões das mulheres ainda são as questões nevrálgicas sujeitas a ocultação, mais nevrálgicas do que outras mencionadas como tal. Faz-se uma leitura em que essas questões que, embora trabalhando imensamente os problemas civilizatórios, não aparecem com o devido destaque.

Mesmo dentro de sociedades como a europeia, a norte-americana ou a sul-americana, que estão no marco do que se chama ocidente, há tempos diferentes que coexistem. A questão que me parece interessante é que, justamente, essa capacidade de amplificação trazida pelas chamadas novas tecnologias, atinge faixas dentro dessas sociedades, colocando as questões das mulheres de maneira muito ampla.

Então, anterior à discussão de saber se 'há ou não há uma especificidade feminina' há uma questão mais simples e, talvez, de mais simples resposta. Trata-se de saber se existe ainda hoje uma diferença de sensibilidade às questões referentes às mulheres, num plano global e dentro de cada sociedade também. Por sua vez, isto remete-nos para a questão da democracia, o que é e o que se entende por essa democracia. Neste sentido, isto está ainda em processo e ainda é uma questão que traça um limite no plano mundial.

### **Especificidade**

Para discutir a questão da especificidade no seu sentido mais profundo, reportar-me-ei a alguns factos que é interessante mencionar. Quem primeiro levantou a questão ética das biotecnologias, no fim dos anos 80, foi uma norte-americana chamada Gina Correy. Foi a primeira vez que alguém disse: «as biotecnologias têm um impacto decisivo no destino das mulheres» e disse tudo o que dissemos aqui hoje. Estamos no fim do processo e, nessa altura, esses aspectos ainda não tinham evoluído até ao ponto que evoluíram hoje, mas já existia reprodução assistida... Gina Correy acabou se constituindo numa interlocutora fundamental para o Henry Atlan que está na ponta da pesquisa. Esses são os caminhos interessantes da chamada especificidade feminina, porque ela levantou as questões do ponto de vista das mulheres. Isso é-lhe reconhecido pelo próprio Henry Atlan, que diz que quem lhe chamou a atenção para o que estávamos pondo em marcha, foi Gina Correy. Eu própria testemunho isso porque me lembro de ter discutido na altura com ela essas questões, nos Estados Unidos, num pequeníssimo seminário de mulheres. Anos depois ela transforma-se na grande interlocutora

dele em relação às questões da biotecnologia. Este é um exemplo muito claro de alguém que olha, que tem um ponto de vista, sobre uma questão essencial, que é um ponto de vista das mulheres. Quanto à questão da neurociência como campo de estudo emergente, opto por não me manifestar, ainda.

### **Valores e palavra**

Por último, gostaria de sublinhar a questão dos valores, quer dizer, a gestação de novos valores. Independentemente dos problemas serem desafios para homens e mulheres, que atingem e interessam a homens e mulheres, é inegável que uma certa história e a pertença a uma determinada cultura, criam um olhar um pouco diferente de uns e outros sobre determinados problemas. Isso só pode ser enriquecedor e não é nada negativo. Vejo um absoluto interesse em colocar as questões no foco desses olhares. O grande problema, que qualquer pessoa que coordene grupos de mulheres conhece – e aí voltamos à existência material dos grupos de mulheres – é que ainda se instala um grande silêncio e grande desigualdade no acesso à palavra quando estão reunidos homens e mulheres numa discussão. Isso é uma sequela histórica que está sendo ultrapassada e que irá inevitavelmente desaparecer pelo próprio exercício do debate.

Quando, há 30 anos, era professora na Universidade de Genebra, esse era um aspecto tão flagrante que constituiu um dos capítulos da minha tese de doutoramento. O acesso à palavra foi campo de pesquisa. Tenho a certeza que, hoje, se for dar uma aula na Universidade de Genebra de novo, já não vai ser o mesmo. Passaram-se 30 anos e isso teve felizmente evolução. Dito isto, ainda existe essa sequela em muitos contextos, que justifica o trabalho que ainda se faz com os grupos para formação de lideranças. Se não pensasse assim, não presidiria ao CELIM, que é um centro de formação de lideranças femininas. Porque é que ele existe, o que é um centro de formação de lideranças? É um centro de facilitação de palavra, de facilitação de pensamento, de emergência. É um lugar de emergência. O que se quer fazer ali é fazer emergir. No entanto, a fé de que essa emergência das mulheres seria transformadora, está para ser demonstrada, não foi ainda demonstrada. É uma aposta histórica que fazemos mas que precisa de se actualizar muito rapidamente. Repito que o poder da liderança provém menos da quantidade de gente a quem se fala do que daquilo que se diz e que toca um maior número de pessoas mesmo que não nos ouçam num primeiro momento.

## Palavras Conclusivas

Para além da renda, para além da visibilidade, para além das relações de sucesso, cabe a pergunta do que é que para nós faz sentido. Através dessa pergunta estou enunciando uma crise de valores. Na verdade, não estou falando de uma crise de valores no sentido convencional, não estamos sem valores, mas antes diante do desafio de criação de valores. Não creio que possamos enfrentar o mundo de hoje, o mundo que estamos vivendo, com os valores antigos. Os valores de hoje não podem ser os de ontem, os de amanhã não podem ser simplesmente os de hoje. Há necessidade de desenvolver processos de inovação para enfrentar essas realidades novas e desenvolver isso tanto quanto possível, dentro de um marco de deliberação colectiva. Como é que se geram valores? Ninguém gera um valor sozinho, na solidão da existência ou do pensamento pessoal. Normalmente, geram-se no encontro com outros, no teste do erro, na capacidade de errar, de reconhecer erros, de refazer pensamentos. Conseguir refazer, dialogar, ouvir... é um processo de deliberação. É assim que a sociedade vai deliberando sobre os seus próprios valores sobre o seu próprio caminho. Nesse sentido, os grupos de mulheres talvez sejam um dos lugares possíveis de deliberação sobre as mulheres e sobre o que possam ser os conteúdos de uma liderança feminina. Os grupos de mulheres são, certamente, um espaço possível de elaboração de novos valores, de discussão honesta, sincera, sobre as dificuldades de pensar o mundo de hoje. São essas renovações que nascem minoritárias, que nascem, às vezes, dentro de um pequeno grupo, que têm possibilidade de se expandir. Digo isto porque a sociedade está mudando muito, mas uma das coisas que está mudando é o processo de mudança da sociedade. Estamos tendo emergência de inovações que podem contar com grandes amplificadores, como são os meios de informação, para amplificar as temáticas e enriquecer o debate público. Essa é uma maneira de alimentar uma democracia permanentemente, para além dos mecanismos clássicos da democracia, conhecidos em todas as sociedades como métodos. Hoje temos essa demanda mais subjacente, de algo mais enraizado, mais complexo que são esses processos deliberativos da sociedade. Acredito num *há devir*, em algo que há-de vir e isso é-me suficiente<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> A autora refere-se a uma frase de Maria de Lourdes Pintasilgo: "Por mim, tenho a noção que aquilo de que faço parte é uma coisa que há-de vir, e que esse há-de vir é para mim suficiente". (Entrevista de Anabela Mota Ribeiro. In: *DNA*, 16 de Julho 2004)